

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE RAVENSBRÜCK: “Uma Análise a Partir da Autobiografia de Selma Van de Perre”

GENDER RELATIONS IN THE RAVENSBRÜCK CONCENTRATION CAMP: “An Analysis Based on Selma’s Autobiography”

Jadeane Matos do Nascimento LUIZ¹

RESUMO: O presente artigo possui como objetivo analisar a autobiografia de Selma Van de Perre, uma mulher judia, combatente do movimento de resistência holandês, sobrevivente do campo de concentração feminino de Ravensbrück e vítima da violência do Regime nazista perpetrada contra mulheres. Partindo de noções e conceitos sobre a autobiografia, pretende-se propor uma compreensão sobre o gênero e destacar as possibilidades do campo narrativo para as mulheres. Pretende-se utilizar a autobiografia para um estudo de caso da experiência de gênero no campo de concentração de Ravensbrück, considerado um campo que possui registros reduzidos, dentre as fontes de conhecimento que elucidam sua existência estão as autobiografias e testemunhos. O estudo versa sobre as relações de gênero no campo de concentração, além de destacar a violência de gênero como questão.

Palavras-chave: Autobiografia, Gênero, Ravensbrück

ABSTRACT: This article aims at analysing the autobiography of Selma Van de Perre, a Jewish woman, fighter of the Dutch resistance movement, survivor of the Ravensbrück women's concentration camp and victim of violence against women perpetrated by the Nazi regime. Starting from notions and concepts about autobiography, it is intended to propose an understanding about gender and highlight the possibilities of the narrative field for women. It is intended to use the autobiography for a case study of the gender experience in the Ravensbrück concentration camp, considered a camp that has limited records, among the sources of knowledge that elucidate its existence are autobiographies and testimonies. The study focuses on gender issues in the concentration camps, and highlights gender-based violence as a matter.

Keywords: Autobiography, Gender, Ravensbrück

Introdução

As autobiografias e biografias despontaram a atenção crítica e angariaram a preferência popular, sendo consideradas como relatos que demonstram um caráter exemplar e se referindo a um indivíduo como eixo central da narrativa. Os relatos biográficos refletem a similitude encontrada pelo autor no protagonista, baseados na sua trajetória, através da elaboração do sujeito a partir dos desafios, enfrentamentos e êxitos. Inicialmente envolvida com as práticas históricas, a noção de autobiografia remonta ao período da antiguidade (Bakhtin, 2002, p. 249), entretanto, a terminologia autobiografia é cunhada apenas no século XVIII, após o Iluminismo, onde era simbolizada como um gênero de caráter nobre. A partir do século XX, a

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em História (UFRRJ-PPGH). Graduada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: jadeaneluiz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2674-0208>.

biografia declina e passa a ser vista de modo inferior, principalmente, devido às discussões no campo literário com a participação feminina.

O campo da biografia tradicional, referente aos relatos que reproduziram um viés e domínio masculino, produz ênfase na individualidade dos seres e em suas trajetórias subjetivas, reiterando-o como um sujeito universal. Dentro desse contexto, os estudos feministas teceram críticas a esta perspectiva de análise e uso das biografias, proporcionando a releitura dos escritos femininos a partir de novas abordagens, recusando a visão padronizada de um sujeito genérico capaz de representar ao todo. Considera-se o personagem autobiográfico a partir de suas pluralidades e imprecisões dentro da narrativa. Através do destaque para a histórias das mulheres e seus escritos biográficos, o gênero literário foi relegado a um papel de subalternidade, distanciando o campo biográfico do brilhantismo de outrora, como parte de um cânone universal, as autobiografias femininas, semelhantemente, se direcionaram a uma categoria subalterna.

Diante do presente exposto, o artigo considera a autobiografia de Selma Van de Perre, intitulada *“Meu nome é Selma: A extraordinária biografia de uma combatente da resistência judaica holandesa e sobrevivente do campo de concentração de Ravensbrück*, a fim de analisar as relações de gênero existentes no interior do campo de concentração de Ravensbrück. Pretende-se articular a categoria de gênero como fundamento analítico da pesquisa, considera-se o gênero como elemento integrante das relações sociais que são fundamentadas a partir das distinções entre os sexos, desse modo a categoria de gênero é apreendida como forma de demarcar as relações de poder no âmbito da sociedade.

Com particularidades distintas dos demais campos de concentração recriados no estado nazista, o campo de Ravensbrück foi o maior campo de concentração a abrigar essencialmente mulheres durante o período do regime nazista na Alemanha. É considerado um campo de trabalho forçado, porém dispunha de variados métodos de extermínio para suas vítimas. Sendo descrito por suas sobreviventes como um local de ‘extermínio lento’, principalmente devido às atividades laborais intensas e a brutalidade. Os crimes executados em seu interior e a história de suas vítimas permaneceram marginalizados, e foram motivo de esquecimento em decorrência da ausência de registros e evidências que haviam sido destruídas (Helm, 2022, pp. 15-25).

Em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, o campo de concentração de Ravensbrück havia aprisionado cerca de 132 mil mulheres (Saidel, 2009, p. 19), no decorrer de seis anos de operação. As vítimas eram provenientes de quarenta países, incluindo os países

ocupados e anexados pela Alemanha nazista, crescendo-se mulheres de diversas categorias, como as judias. As mulheres que passaram por Ravensbrück foram vítimas dos crimes perpetrados no interior deste campo, que dispunha das mais variadas formas de violência e sofrimento para suas internas, dentre os tipos de violência empreendidos em Ravensbrück se destacam essencialmente os crimes de gênero.

A autobiografia e escrita feminina

Em se tratando das autobiografias, parece simplório determinar a definição que se possui sobre esse termo, como auto cunhar as próprias vivências e narrar a experiência subjetiva. Um dos principais registros encontrados sobre o vocábulo “autobiografia” é proveniente da língua Inglesa em princípios do século XIX, apesar da diligência em definir o que se compreende como autobiografia ter se originado de forma posterior, analisa-se que as autobiografias eram demasiadamente difundidas e populares nos séculos anteriores. Dentre estas se destacam as obras autobiográficas de Santo Agostinho em “*Confissões*”, “*Vida Feliz*” e Jean Jacques Rousseau em “*As Confissões*” (Kaplan, 1992). Havendo, portanto, uma produção preexistente de narrar a vida, postular memórias, a autobiografia se transmutou em um gênero cânone na tradição ocidental.

A autobiografia é tida como um gênero literário, que assim como os demais gêneros, desponta no ocidente a partir de especificidades históricas, disputas e parâmetros ambíguos. Dentre os embates existentes em torno das autobiografias encontra-se a própria natureza de seu gênero, que propõe uma definição dúbia e genérica. O gênero autobiográfico vagueou pelo mercado literário, se revelando sutilmente, até alcançar uma posição cristalizada como o gênero do romance nos cânones da literatura.

Jacques Derrida, em a *Lei do gênero* (1992) discorre no tocante a instituição da literatura e a separação dos distintos gêneros literários. A lei do gênero é formulada a partir de uma contra-lei, dessa forma, para que um gênero seja estabelecido e reconhecido é necessário impor a regras em torno de sua existência. Devem haver limites que busquem controlar e definir o gênero, a fim de não perder suas singularidades. A possibilidade de instituir os limites para o gênero incide na impossibilidade de realizar a manutenção dessas divisas. As autobiografias são reputadas como gênero literário, e por essa razão, defrontando-se com a tese de Jacques Derrida, foram sinônimo de controle da crítica, que estabeleceu e restabeleceu por vezes os seus limites. Posto isso, diversos teóricos promoveram tentativas de conceber as autobiografias e indicar uma definição própria desse gênero.

Na concepção de Michel Foucault, em *Escrita de si* (1992), a forma de escrever intimamente seus próprios relatos coincide com o modo de refletir sobre a vida. Foucault descreve sobre o '*hypomnemata*', a maneira de escrever as vivências subjetivas do íntimo de cada sujeito, que molda a particularidade da experiência vivida através do discurso narrativo. O relato individual de si, portanto, para Foucault é uma ferramenta que viabiliza o indivíduo a inserir sua história nesse contexto escritural, cativando a reflexão de si. A escrita de si consiste em um retorno das experiências pessoais e meditação das histórias passadas, de modo a minimizar o esquecimento de si mesmo.

Por possibilitar o reconhecimento das reflexões íntimas, a escrita de si também é compreendida como um exercício, posto que, baseado nas memórias pessoais, o autobiógrafo consegue revisitar o testemunho acerca das próprias vivências. O ato de escrever sobre si mesmo, pode ser notado nos relatos de indivíduos que passaram por enfrentamentos traumáticos, como situações de guerra e aprisionamento, é criado, logo o anseio por expor os fatos e acontecimentos sucedidos.

A partir das tentativas de definição do gênero autobiográfico, Phillippe Lejeune estipula o conceito de autobiografia, como uma narrativa anterior baseada na existência individual de um ser real, redigida pelo próprio, com ênfase nas suas vivências. A autobiografia para o autor, deve obrigatoriamente possuir uma característica crucial, ilustrar o relato verídico de um indivíduo relatado por si próprio. Essa especificidade origina o 'pacto autobiográfico', que consiste em um contrato entre dois sujeitos, o autor e leitor através da utilização do nome do autor da obra, revelando a sua identidade. A existência de uma narrativa autobiográfica pressupõe a associação de uma identidade comum entre os papéis do autor, narrador e personagem. Desse modo, a partir do estabelecimento do pacto autobiográfico o leitor tende a considerar o gênero literário como um fato verídico, que representa uma experiência vivida diretamente pelo personagem.

O gênero literário, para Lejeune, é uma espécie de narrativa redigida em forma de prosa, mas que semelhantemente evoca a história individual do autor. Uma obra é considerada autobiografia, quando estabelece a concordância, o pacto entre o autor que é o mesmo narrador da obra, se colocando como o "eu" que possui a mesma identidade do personagem descrito, além disso, os acontecimentos devem ser narrados em perspectiva de lembranças e recordações, realizando a retrospectiva dos fatos. A partir desses elementos, é possível estabelecer e identificar o gênero autobiográfico.

O surgimento dos estudos de áreas interdisciplinares, como de mulheres, grupos étnicos e imigrantes possibilitaram novas leituras acerca das autobiografias, debatendo as

definições e tradições prévias sobre o gênero e questionando os cânones de orientação masculina. Os teóricos críticos propuseram releituras das autobiografias e semelhantemente inauguraram novos cânones considerando as narrativas outrora marginalizadas, como as narrativas de escravizados ‘*slave narrative*’, os diários, relatos, registros individuais como de sufragistas e abolicionistas, além de narrativas de cativoiro.

Por se estabelecer em um discurso individual, categorizado como um “eu” próprio na narrativa, a autobiografia recebeu críticas pela sua forma de escrever, visto que o autobiógrafo ideal era um narrador potencial, geralmente do gênero masculino, um exemplo de representante da sociedade. Essa ideia de indivíduo capaz de biografar a sua própria história era advinda de uma tradição que não viabilizava a entrada e narrativa de outros sujeitos. As outras formas de escritas individuais, desse modo, possuíam um papel de invisibilidade.

Em *Minha História das mulheres* (2007), a historiadora Michelle Perrot busca abordar a mulher como um sujeito ativo na história, delimitando os seus papéis em diversos âmbitos, político, social, econômico, familiar. Perrot assevera que o ato de escrever uma história das mulheres significa romper com o silêncio e a invisibilidade em que elas estavam confinadas, a qual as subjugavam ao lugar de subalternizadas, à margem dos acontecimentos e invisibilizadas nos espaços. Nesse sentido, a historiadora destaca a relevância dos escritos e materiais deixados pelas mulheres, qualificados como registros preciosos, porquanto validam as mulheres como sujeitos detentoras de um “eu”, a partir desses escritos é que se alcança intimamente as diferentes vozes femininas, até então ausentes na escrita histórica (Perrot, 2007, p. 28).

A perspectiva de uma autobiografia por parte das mulheres, remonta somente a partir dos anos 80. As autobiografias femininas eram anteriormente desconsideradas no cânone literário do gênero autobiográfico, sendo, portanto, marginalizadas do âmbito acadêmico. Apesar do desconhecimento acerca das narrativas femininas, as mulheres produziram diversos relatos advindos de uma tradição literária, principalmente relacionados às narrativas de si, como a produção de memórias, diários e cartas. As mulheres buscaram reivindicar o seu papel no decorrer da história, inclusive no campo dos escritos biográficos. A autobiografia feminina, portanto, centralizou o papel das mulheres no gênero literário e visibilizou os relatos das mulheres, que outrora eram invisibilizadas.

O ensaio de Domna C. Stanton, *Autogynography: Is the subject different* de grande notoriedade no campo dos estudos femininos do gênero autobiográfico, discursa no tocante a invisibilidade das autobiografias femininas e apresenta as reações das teóricas feministas a essa questão, que culmina no desenvolvimento dos estudos sobre o campo autobiográfico

atrelado às mulheres. Neste mesmo estudo a autora elabora a terminologia ‘autoginografia’, que visa inscrever o gênero feminino na autobiografia, enfatizando o gênero da autora que redige a própria narrativa. A autora estabelece uma correlação com o termo ‘autobiografia’, mas retira do mesmo o elemento bio, demonstrando uma oposição ao conceito de narrar a vida (bio) e emprega gino, que significa mulher.

Stanton expressa uma desconstrução do conceito e destaca que o gênero mulher deve ser considerado no gênero literário autobiográfico. A preferência por essa definição retrata no reconhecimento das singularidades das narrativas produzidas por mulheres, seja no modo de produção, difusão e aceitação dessas produções. Em suma, o conceito de autobiografia opera em destacar as propriedades distintas da autodescrição de outras mulheres, assim como inaugura um objeto de interpretação e análise adaptável com as subjetividades dessa forma de escrita e formula uma crítica ao campo monolítico e tradicional da autobiografia.

A categoria de gênero e a interpretação na literatura do holocausto

Gisela Bock em seu artigo intitulado *História, história das mulheres e história do gênero* declara a respeito do papel das mulheres no campo histórico, a partir de um panorama retrospectivo da figura das mulheres no âmbito da história e da historiografia. A autora inicia o artigo pontuando a desconhecimento das mulheres na história, a marginalidade na historiografia, sendo somente a partir década de 1960 com os preâmbulos do movimento feminista que a mulher passa a ser reconhecida e legitimada na história, porém tal percurso foi posto de forma gradual, principalmente pelas discussões iminentes do que seria a história das mulheres, quais implicações repensar sobre as mulheres implica na historiografias e de que forma essa história se relaciona com a história geral até então escrita.

A fim de responder às questões propostas, Bock propõe o estudo do gênero como realidade social, cultural e histórica. Dessa forma, o gênero é composto por uma teia, um conjunto de relações estabelecidas, deve ser pensado como uma categoria relacional, indo além da concepção de um campo marginal das pesquisas. Sendo apreendido a partir das relações entre os grupos, homens e mulheres no decorrer da história.

Para Judith Butler, referência no cerne dos debates analíticos de gênero, fundamenta uma crítica ao movimento feminista acerca do uso da categoria mulheres, como um dado fixo e monolítico em detrimento da interseccionalidade, conceito que visa unir os debates entre raça, classe e gênero. Butler conceitua no tocante a teoria de gênero baseada no conceito de performatividade, que se fundamenta nas concepções propostas por Merleau-Ponty. O gênero

é analisado a partir da performance, desprendendo-se da noção que entrelaça sexo e gênero. Desse modo, o gênero é composto através de códigos produzidos na superfície corporal. A proposta conceitual de Butler, discute as normas estabelecidas em relação aos diferentes gêneros já que baseada nos atos da performatividade, o gênero não é um dado estável, de modo que está sujeito a contradições.

No âmbito de estudos do holocausto, o debate acerca da literatura do holocausto relacionado a categoria de gênero começa a ser revisitado durante a década de 1980, em que as acadêmicas feministas iniciaram pesquisas que visavam explorar as experiências de mulheres e as questões de gênero durante o holocausto. Seus estudos, no entanto, foram criticados pelo campo acadêmico por considerar que a análise pela perspectiva de gênero banalizaria o holocausto e promoveria narrativas que sustentavam a desigualdade dentro desse contexto.

As pesquisas de gênero no holocausto, no entanto, visam reconhecer a pluralidade das experiências, destacando que determinadas questões e eventos abrangeram o gênero feminino enquanto se tratava de vítimas mulheres. A análise de gênero é determinante para validar as vozes anteriormente ignoradas e destacar de que forma os papéis normativos de gênero fomentaram as reações e experiências das mulheres nos processos de genocídios (Randall, 2021, p. 10).

Em *Women in the holocaust* de Dalia Ofer e Lenore J. Wetizman dissertam acerca da centralidade dos estudos de mulheres no holocausto, desenvolvendo questões acerca do gênero e de como afunilar tais debates ensejam a compreensão do fenômeno do holocausto. O gênero e as relações que estabelece auxiliam na notoriedade das especificidades do contexto cotidiano e de como homens e mulheres responderam às práticas nazistas. A concepção de que as mulheres possuíram as mesmas vivências no holocausto de forma única tornaram os acontecimentos do holocausto como incompletos.

Dentre os debates recorrentes na obra que influenciaram na especificidade do holocausto para as mulheres, estão as fontes estruturais das diferenças de gênero, advindas dos papéis sociais estabelecidos anteriormente à guerra, que cooperaram para as diferentes formas de enfrentamento do genocídio. Enquanto na maioria das famílias judias e não judias, os homens eram responsáveis pelo suporte e sustento econômico da família, as mulheres destinavam-se à função dos cuidados, do auxílio às crianças e ao lar.

As diferenças perceptíveis entre os papéis preestabelecidos, pode ser expressa pela pesquisadora Rochelle Saidel em *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. Destacando um dos aspectos relacionados ao gênero e que era imposto essencialmente às mulheres naquela sociedade, era a moral do recato. Esse comportamento ditado pela sociedade

em relação ao gênero feminino, influenciou a experiência das mulheres nos campos de concentração, como o de Ravensbrück. Por se tratarem de mulheres que haviam sido criadas em papéis sociais de gênero delimitados, ou orientadas por questões religiosas, ter que se despirem na diante dos guardas, sendo mulheres ou homens, era uma questão que trazia um certo trauma para as vítimas.

Atendo-se ao gênero narrativo e a proximidade ao domínio do holocausto, Sarah R. Horowitz em *Women in Holocaust Literature: Engendering trauma memory* disserta acerca da relevância de examinar o holocausto a partir das narrativas de gênero feminino, atendo-se aos padrões distintos de descrição das particularidades vivenciadas nos campos. A autora defende a preponderância das mulheres enquanto sobreviventes, que foram capazes de redigir suas próprias narrativas, algumas ainda em oculto enquanto internas nos campos. Os relatos das mulheres expressam um tipo particular de sofrimento e experiência, trazendo em pauta questões como os relacionamentos de amizade, gravidez, maternidade e trauma. O compilado desses escritos biográficos e memoriais revelam os efeitos precisos do aprisionamento nos campos para as mulheres e de que forma o gênero era preponderante no programa de genocídio nazista. Horowitz considera o papel feminino na literatura do holocausto como crucial para ilustrar os discursos distintos e singulares acerca do holocausto, se contrapondo ao canône desse domínio e legitimando novos moldes de representação de sua história.

A utilização do gênero como categoria de análise para compreender o genocídio possibilita ler as narrativas e histórias marginalizadas de forma profícua. A perspectiva de gênero detém dados relevantes acerca da forma de como os perpetradores do holocausto e demais genocídios utilizaram as questões de gênero, a fim de promover estratégias que visavam atingir os indivíduos baseados em seu gênero. Assim como o conceito de interseccionalidade, demonstra as demais formas de identificação que atravessam o gênero, como raça, cultura, religião e orientação sexual. Essas características expressam as distinções e enfrentamentos entre mulheres e homens acerca das experiências como vítimas de genocídio.

O campo de concentração feminino de Ravensbrück

Ravensbrück foi um Campo de Concentração essencialmente feminino, inaugurado no ano de 1939, pouco antes da Segunda Guerra Mundial ser deflagrada. Foi criado para aprisionar o crescente número de mulheres que estavam encarceradas nas prisões alemãs. Ravensbrück não era um local construído para abrigar prisioneiras judias, que representavam

apenas 10% do total vítimas, contudo, esse foi um grupo que esteve submetido a intensos sofrimentos e constantes maus tratos em seu interior (Helm, 2022, p. 83). O campo esteve em funcionamento por um período de seis anos, até o fim da guerra, e foi um dos últimos a ser libertado pelas forças soviéticas. Ravensbrück era tido como um campo de trabalho forçado, contando ao final de seu funcionamento com uma câmara de gás própria, deu origem às mais horrendas experiências para suas vítimas. Em seu interior as mulheres eram exploradas, escravizadas, submetidas a trabalho forçado, experiências médicas, tortura, castigos físicos e envenenamento por gás.

Idealizado por Heinrich Himmler, arquiteto do genocídio nazista e *Reichführer* da SS. O campo tinha um planejamento para receber em torno de 5 mil mulheres, porém as pesquisas descrevem que o número de mulheres foi seis vezes maior do que o estimado. Contando com prisioneiras de diversos países e pertencentes a categorias distintas, como resistentes políticas, testemunhas de Jeová, *romani* (ciganas), prostitutas, lésbicas e judias, apenas quinze mil delas sobreviveram a tragicidade do campo e empreendimento do genocídio nazista (Saidel, 2009, p. 19).

Ravensbrück foi inaugurado em maio de 1939, com a chegada de suas primeiras prisioneiras, provenientes do campo de Lichtenburg, localizado na Saxônia. As prisioneiras em grande maioria eram antifascistas alemãs, social democratas e comunistas, muitas de origem judia. As mulheres haviam sido levadas a Ravensbrück em uma extensa viagem de ônibus e ao chegarem em seu destino, devido às condições da viagem, muitas estavam debilitadas. Parte das prisioneiras se impressionou ao chegar na região, que era um local com paisagens pitorescas e achavam estar em um ambiente com melhores condições que as prisões em que foram retiradas. Ao descer do ônibus, elas se depararam com os guardas e com os cães treinados para o ataque exclusivo de prisioneiras. A chegada ao campo era traumática, assim como a experiência de vivenciar seus acontecimentos, era algo de que todas as mulheres sobreviventes de Ravensbrück se recordariam. A chegada ao destino do campo delimitaria para aquelas mulheres como seria a manutenção da ordem a partir daquele momento. Sendo recebidas às chicotadas e ao ataque de cães, Ravensbrück estaria distante das belezas que aparentava, era um local de lento extermínio, desumanização e sofrimento.

O encarceramento em massa de prisioneiras políticas e a sua utilização como mão de obra, faziam parte dos objetivos do campo. Com o estouro da segunda guerra mundial, o campo passou a receber levas de prisioneiras originárias dos países ocupados pelos soldados nazistas. As prisioneiras tinham divisões próprias no interior do campo, eram reconhecidas a partir de triângulos costurados junto às suas roupas. Os triângulos eram divididos por cores e

identificavam a categoria ao qual as prisioneiras pertenciam, sendo estas, prisioneiras políticas, judias, associadas, criminosas e testemunhas de Jeová. Dependendo da categoria, essas mulheres eram encarregadas de executar funções e tarefas distintas, como os serviços no pátio do campo ou na construção de equipamentos para a Fábrica Siemens.

A década de 1930 que marca a chegada do nazismo de Adolf Hitler ao poder, era caracterizada por uma estratificada divisão social, referente aos papéis específicos de gênero, designando uma atuação feminina dentro da sociedade restrita a determinados padrões normativos. A mulher nesse contexto tinha que cuidar da família e prestar apoio a comunidade local, não desfrutando de direitos políticos, como o voto e participação no âmbito político. Mediante a atuação feminina na sociedade, quando retiradas desses papéis de gênero e impostas ao encarceramento nos campos de concentração, representou um forte abalo emocional para estas mulheres que estavam habituadas a uma vida doméstica, restrita à família e cuidados no lar. O encarceramento e a deportação representaram a retirada dessas mulheres do seu cotidiano e do ambiente comum. Apesar da perseguição aos judeus ter sido determinada por um fator racial, as questões de gênero fizeram distinção no holocausto, em virtude de os papéis de gênero serem bem delimitados, principalmente para as mulheres judias, isso contribuiu na forma em que elas enfrentam o holocausto (Hyder, 2009, p. 22).¹

Ravensbrück ao longo de seus seis anos de funcionamento, aprisionou em torno de 130 mil mulheres, os números de mortes ocorridas no campo são estimados em 30 e 90 mil. Identificar os dados de Ravensbrück com precisão não é possível devido a destruição de evidências, que foram incineradas pelos soldados nazistas (Helm, 2022, p. 16). A documentação reduzida do campo contribuiu para o desconhecimento da sua história e das vítimas abrigadas no campo feminino. Com o passar dos anos, o número de prisioneiras era crescente e o campo necessitou de ser ampliado, campos satélites foram incorporados a região que abrigava Ravensbrück, apesar da expansão realizada a superlotação no campo era comum já que passou a contar com mais mulheres do que o planejado.

O local que abrigava o campo possuía um lago logo adiante e à direita situava-se a cidade de Fürstenberg, em oposição ao lago, à esquerda estava um muro de cinco metros de altura. Contando com 2,4 hectares de terra, era espaçoso o suficiente para abrigar o quantitativo esperado em seu ano de abertura, posteriormente, as condições do campo se deterioraram devido à chegada de múltiplas prisioneiras. Na frente do campo de concentração era possível contemplar o portão de ferro e seus grandes muros, na área interna havia uma grande praça, a *Appellplatz*, sua extensão poderia ser comparada a uma arena de futebol, as prisioneiras eram reunidas na praça que contava com auto falantes acima dos postes. Acima

dos muros, haviam cercas elétricas e caveiras que indicavam a alta voltagem e o perigo de choque elétrico. O complexo do campo era composto por prédios feitos de madeiras, dispostos em duas fileiras que se espalharam pelo pátio do campo e eram alinhadas à rua principal do complexo, a *Largerstrasse* (Helm, 2022, p. 31).

Os alojamentos das prisioneiras foram distribuídos de forma a manter a vigilância no complexo. As janelas de um prédio, portanto, tinham como vista os fundos de outro bloco. A disposição dos prédios facilitava o trabalho das guardas que deveriam vigiar as prisioneiras constantemente. Na praça do campo, *Appellplatz*, havia um *revier*, a enfermaria do campo, além de uma cantina da SS. Do lado oposto, havia a casa de banho e a cozinha, no prédio posterior havia um depósito de roupas, que abrigavam as peças de roupas das prisioneiras e também a lavanderia.

O idealizador dos campos da SS, Heinrich Himmler tinha como exigência a autossuficiência dos campos, em razão disso, os campos tinham seus próprios utensílios para o funcionamento, Ravensbrück contavam com uma horta, galinheiro, pomar e até mesmo um jardim de flores. Himmler recomendava que os campos compartilhassem seus recursos, no caso de Ravensbrück, como não possuía um forno para assar os pães, diariamente era abastecido pelo campo masculino de Sachsenhausen, que se localizava a cerca de 80 quilômetros da região.

O Comandante do Campo Ravensbrück era Max Koegel, que designou trinta guardas mulheres e doze soldados nazistas para o trabalho no local, além destes, havia a chefe das guardas femininas, Johanna Langefeld. As guardas mulheres, estavam subordinadas aos soldados e a Langefeld, que apesar de exercer o cargo de chefia não detinha muita autoridade no campo, de modo que opinava especificamente sobre as “questões femininas”.

As prisioneiras do campo foram organizadas pelos nazistas por categorias específicas, a partir dos triângulos com cores que as identificavam e números colocados em seus uniformes. O triângulo amarelo identificava as prisioneiras judias, o vermelho as prisioneiras políticas, o roxo era referente às testemunhas de Jeová, preto designava as prisioneiras associadas e o verde as mulheres criminosas. Algumas prisioneiras poderiam ser pertencentes a duas categorias, ser judia e associada, ou judia e prisioneira política. Nesses casos era necessário costurar uma cor de triângulo sobre a outra, ressaltando as duas categorias ocupadas. Diversas prisioneiras judias eram pertencentes à categoria de prisioneiras políticas, apesar disso, geralmente eram listadas a partir da sua “raça” e origem judia. As maiores categorias do campo eram a das prisioneiras associadas e políticas, por conta de diversos crimes se encaixarem dentro desses grupos. Os triângulos poderiam conter letras, no caso das

prisioneiras pertencentes a outros países, a letra inicial do seu país de origem era colocada no triângulo. A chegada de novas prisioneiras era marcada pelo ritual de raspar a cabeça e costurar seu próprio número e triângulos de sua categoria (Saidel, 2009, p. 43).

O trabalho era um dos elementos que fazia parte do cotidiano em Ravensbrück, as mulheres eram designadas a executar tarefas e expostas a cargas excessivas de serviço. Com a ampliação do campo Ravensbrück, muitos subcampos ou campos satélites foram criados, neles estavam contidas fábricas destinadas à produção bélica. Uma das mais conhecidas fábricas do período era a companhia elétrica Siemens. Os campos satélites eram um local de trabalho constante, porém, as prisioneiras possuíam melhores condições de habitação, alimentação e higiene.

A evolução do campo e o crescimento esporádico do número de prisioneiras desencadeou em uma constante deterioração de suas condições. A população de mulheres era dez vezes maior do que o planejado para acomodação do campo, as barracas eram insuficientes para abrigar todas as prisioneiras que dormiam apertadas e geralmente uma sobre a outras, algumas dormiam no chão devido a insuficiência de camas. Nos beliches dormiam até três prisioneiras, que tinham que dividir o mesmo colchão, as refeições eram poucas e afetavam a saúde das vítimas, que estavam magras e desnutridas. Devido às precárias condições, Himmler ordenou que fosse construído uma câmara de gás no campo para efetivação do extermínio das vítimas, que tiveram seus restos mortais jogados no lago.

As condições de vida das mulheres no campo de concentração de Ravensbrück eram degradantes, os castigos e torturas faziam parte de seu cotidiano. Apesar de não ser categorizado como um campo de extermínio, Ravensbrück foi um local de morticínio para suas vítimas que morreram em decorrência da fome, desenvolvimento de doenças, excesso de trabalho, fuzilamento, envenenamento, experimentos médicos, ataques de cães, castigos físicos, métodos de tortura e envenenamento por gás tóxico.

As vivências do campo de concentração pela sobrevivente Selma Van de Perre

Selma Van de Perre foi uma mulher judia, combatente da resistência holandesa e sobrevivente do campo de concentração de Ravensbrück. Redigiu seu livro autobiográfico com o título *Meu nome é Selma*, publicado postumamente no ano de 2020, descrevendo sua narrativa e luta pela sobrevivência no seu país de origem, a Holanda recém ocupada pelos nazistas. A sobrevivente narra a sua trajetória de vida desde o seu ingresso no movimento de resistência holandês à libertação do campo de concentração feminino. No decorrer da

perseguição nazista, Selma Van de Perre necessitou de utilizar uma identidade falsa com o nome de “Marga” para ocultar sua origem judia, o que garantiu a sua sobrevivência. Selma cooperou para salvar a vida de vários judeus holandeses, minimizando o número de vítimas do holocausto. No ano de 1944 foi transferida do campo de concentração Vught para Ravensbrück e detida como prisioneira política, sobreviveu por não ter revelado sua origem e nome.

Em sua narrativa autobiográfica Selma relata sobre a ocupação nazista na Holanda e o que enfrentou para preservar sua vida e não ser convocada para os campos de concentração. Ela elabora que a sua origem judaica, incluindo a de sua família, não era um problema em seu país, de modo que, como não praticantes da religião judaica, por vezes não eram reconhecidos como judeus. Com o avançar do nacional-socialismo pela Europa, incluindo a Holanda, a segregação dos judeus progrediu sistematicamente, de modo que os descendentes de judeus tinham de se registrar e serem identificados. Ao final da perseguição aos judeus, Selma destaca que havia perdido quase todos os membros de sua família, vitimados pelos nazistas.

Selma Van de Perre descreveu com detalhes sua passagem para o Campo de Concentração de Ravensbrück, transferida diretamente do campo Vught na Holanda juntamente com outras prisioneiras, passou por uma viagem de cerca de três dias em um vagão de transporte de gado com rumo ao campo de concentração de Ravensbrück. As mulheres que estavam com Selma no veículo tiveram de dormir no chão de madeira dos vagões, o qual estavam abarrotados com uma quantidade de 57 mulheres enclausuradas em seu interior. Ao final da viagem, as vítimas chegaram ao destino, Ravensbrück (Perre, 2022).

A primeira impressão do campo de Ravensbrück, descrita por Selma, foi acerca de sua localização geográfica, apesar de aparentar ser um local recuado e fúnebre era rodeado por uma paisagem vibrante, que incluía um grande lago localizado à frente do campo. Ao descerem dos vagões, as prisioneiras se depararam com os guardas da SS, com chicotes nas mãos e cães aptos para atacá-las, Selma relata que até mesmo os cães utilizavam os uniformes da SS. As prisioneiras advindas do campo Vught juntamente com Selma, não estavam adaptadas ao que enfrentariam em Ravensbrück, a brutalidade dos guardas, violência e condições adversas não faziam parte da realidade no interior de Vught.

Nada em Vught poderia ter me preparado para Ravensbrück. Não havia muitos guardas lá, e a maioria deles eram holandeses. Alguns nos maltratavam, mas isso não era nada comparado com a forma como éramos tratadas agora. Olhando em retrospecto para o período que passei em Vught, parecia um resort de férias. Tínhamos comida, chuveiros, toalhas e banheiros adequados. Só percebi como tinha sido confortável relativamente falando, quando cheguei a Ravensbrück. (Perre, 2022, p.158)

Por ter sido pertencente a um outro campo de concentração, Selma e as prisioneiras que foram transferidas para Ravensbrück desfrutaram de uma experiência distinta do campo anterior ao qual foram internas. O único conforto que Selma havia encontrado em estar naquela situação era que ela havia sido transferida com outras vítimas, dentre estas havia mulheres que Selma conhecia, inclusive algumas que atuaram com ela no movimento de resistência. A companhia de outras mulheres era uma espécie de conforto para enfrentar o aprisionamento no campo.

O decorrer da narrativa de Selma Van de Perre aponta descrições específicas acerca do funcionamento do campo, dentre estes aspectos as condições e a violência perpetrada contra as vítimas mulheres. Nos anos iniciais de operação do campo, crianças e recém-nascidos foram retirados à força de suas mães, sendo mortos por afogamento, ou largados para que morressem. A violência em Ravensbrück era demasiadamente intensa, em determinados casos crianças foram envenenadas e mulheres mais jovens esterilizadas. Os soldados nazistas permitiam que apenas algumas crianças sobrevivessem, porém eram obrigadas a exercer trabalhos forçados, o que atrelado às condições do campo desencadeava na perda das vidas.

O campo de concentração de Ravensbrück possuía em torno de 132 mil vítimas, dentre estas mulheres e crianças, das quais 92 mil não resistiram. O campo começou a operar com as primeiras prisioneiras no ano de 1939, e a medida que os anos se passavam o número de internas foi crescente, fazendo com que os blocos e barracões que as mulheres abrigavam ficassem abarrotados, uma mesma cama geralmente comportava três ou quatro mulheres que viviam em condição desfavorável e muitas não tinham lugares para dormir, devido a superlotação.

Selma relata que quando as prisioneiras adentraram em Ravensbrück, ainda não tinham ideia de como poderia ser a realidade em seu interior. No portão de entrada do campo, Selma narra que havia escrito em uma cerca com letras grandes em Alemão a frase “O trabalho liberta”. A frase em questão já revelava como seria a vida das internas que haviam acabado de chegar, rotinas de trabalho excessivas, fazendo com que elas estivessem enfadadas de tanto trabalhar, cansaço esse que levaria a uma luta por sobrevivência que nem todas as prisioneiras conseguiriam enfrentar. Apesar da crueldade imersa em Ravensbrück e do número de mortes, era sobretudo um campo de trabalho forçado (Helm, 2022, p. 22).

A primeira noite que as prisioneiras passaram em Ravensbrück foram levadas até uma tenda, em que dormiram todas amontoadas, semanas depois elas já estariam acostumadas com esse fato, dormindo abarrotadas e infestadas pelos piolhos. No dia posterior, as mulheres foram separadas em grupo de cinco e obrigadas a se despirem para serem higienizadas, foram

levadas até os chuveiros com água gelada, enquanto eram espancadas. Selma aponta em seu relato, que haviam filas de mulheres para realizar exames nas mulheres, por se tratarem de exames íntimos, era muito desconfortável e humilhante para as vítimas.

Após serem devidamente inspecionadas e higienizadas, as mulheres recebiam o uniforme das prisioneiras, devendo inclusive utilizar o triângulo pertencente a sua categoria e o número de identificação. Selma utilizava o triângulo vermelho, da categoria das prisioneiras políticas, e seu número de identificação era #66947, diferente dos demais campos de concentração, o número de identificação não foi tatuado nas internas. Se tratava de uma realidade adversa, ser uma prisioneira de Ravensbrück, a desumanização das vítimas era tamanha, Selma descreve que muitas mulheres holandesas choraram, por terem seus cabelos cortados. Isso ocorria principalmente com aquelas prisioneiras que tivessem os cabelos bonitos, apesar de os soldados relatarem que essa medida era necessária para a prevenção dos piolhos, Selma acreditava que também era uma forma de crueldade exercida contra as mulheres (Perre, 2022, p. 163).

O cotidiano no campo era quase sempre o mesmo, havia uma rotina que as internas deveriam seguir. O despertar para o trabalho era às quatro horas da manhã todos os dias, em seguida as vítimas deveriam se organizar em filas para a chamada, qualquer tentativa de quebra da rotina era devidamente punida, no caso de alguma prisioneira não se levantar ou se recusar ao trabalho. O café da manhã era um líquido escuro substituto do café, o qual eram servidos em barris todos os dias, geralmente as refeições eram poucas, e até mesmo no período da noite elas recebiam um bocado de sopa com folhas, que parecia água e às vezes um pedaço de pão. A escassez de alimento fazia com que as prisioneiras estivessem sempre com fome (Perre, 2022, p. 165).

A categoria das prisioneiras políticas, a qual Selma pertencia, é descrito como um dos blocos que demonstrava união em Ravensbrück. A solidariedade era uma das formas de resistência que as mulheres exerciam dentro do campo, no bloco de Selma as prisioneiras em grande maioria, tinham cuidado umas com as outras. Selma relata que, por vezes, dentro do campo de concentração enfrentou desafios devido à identidade que tentava esconder, não podia revelar sua história às outras detentas, se apresentava somente como uma prisioneira política chamada Marga. No interior do campo, as mulheres deveriam estar bem atentas, devido às armadilhas constantes. A água das torneiras de Ravensbrück era um dos problemas do campo, geralmente estava contaminada e caso as vítimas ingerirem ficavam prontamente doentes e poderia ocasionar a morte.

Cada uma das prisioneiras lutava pela sua sobrevivência como pudesse, Selma elabora

que com o constante frio em Ravensbrück foi até uma mulher que fazia costuras de agasalhos e roupa, em troca de um pouco de pão para ela e seus filhos. Selma guardou os pedaços de pães que recebia diariamente para pagar a prisioneira em troca de uma peça de roupa. Era necessário utilizar de táticas para sobreviver, apesar das dificuldades enfrentadas, Selma fazia o possível para se manter forte e aquecida do frio, que poderia provocar alguma doença. Por vezes ela fugia de trabalhos pesados, sendo uma das formas de sobreviver. Era comum que as prisioneiras holandesas executassem tarefas como, arrastar pedras, cavar buracos, empurrar um rolo compressor, todos esses trabalhos tinham apenas como intuito torturar as vítimas. Era uma tarefa arriscada fugir dos trabalhos pesados e se fosse descoberta, Selma poderia ser duramente punida, como alternativa ela tentou se infiltrar como trabalhadora na Fábrica Siemens, que apesar da rotina excessiva, consistia em tarefas mais amenas. O trabalho de Selma na Fábrica Siemens, se resumia em soldar fios de metal, posteriormente Selma foi promovida como secretária do chefe da fábrica, o que a possibilitou melhores condições de sobrevivência.

Durante o período de aprisionamento em Ravensbrück, era comum que as detentas ficassem doentes constantemente, como resultado das jornadas de trabalho excessivas e pouca alimentação. Selma foi acometida por tifo e durante todo o tempo que esteve no campo ela descreve que teve disenteria. Mesmo adoecidas, as mulheres faziam o possível para sobreviver, já que muitas que se fossem levadas para a enfermaria não retornavam mais, as mulheres doentes geralmente recebiam injeções letais, ou eram asfixiadas por gás. A morte por injeções letais, principalmente entre as vítimas adoecidas, está presente no livro de Sarah Helm, sobre a História do Campo de Concentração de Ravensbrück. Uma das ordens de Himmler, comandante da guarda nazista, era de que doentes incuráveis deveriam ser exterminados, a fim de reduzir os números do campo, através das câmaras de gás ou injeções letais (Helm, 2022, p. 166).

Além das doenças físicas provocadas pela desnutrição e enfraquecimento das vítimas, Selma aponta sobre a suspensão do ciclo menstrual feminino, que em meio a condições tão adversas era visto como algo positivo, já que as vítimas não desfrutavam de nenhuma condição higiênica e sanitária. Porém, essa foi uma das questões enfrentadas especificamente pelas mulheres, que devido a deficiência de nutrientes e suspensão do ciclo, foram consideradas inférteis pelos médicos após a libertação do campo. Saidel, em *As Judias do campo de Concentração de Ravensbrück* (2009), relata sobre a ausência do ciclo menstrual feminino que por vezes foi uma das preocupações que as mulheres tinham em Ravensbrück, pelo receio de posteriormente não conseguirem engravidar. Existiam algumas suspeitas

relatadas pelas vítimas de que o café ingerido todos os dias pela manhã, consistia em um líquido que continha brometo, funcionando como um componente que interrompia o ciclo feminino.

As ocasiões em que as vítimas recebiam uma alimentação adequada eram quando estavam adoecidas, Selma narra que uma vez conseguiu se alimentar de um pouco de purê, por quase ter morrido de disenteria e resolver ir ao médico. A ida ao médico era uma das últimas alternativas das mulheres, já que o risco de ir a uma enfermaria era tamanho, principalmente devido a superlotação do campo, os médicos resolveram assassinar as mulheres. Antes da morte, as internas ainda eram vítimas da barbárie e passavam por experimentos médicos. Selma elabora que algumas mulheres que estavam aprisionadas no campo por um longo tempo, vinham desenvolvendo alguns problemas mentais. Era natural que no decorrer do tempo as mulheres modificassem seu comportamento e viessem a ter atitudes consideradas adversas.

Para Selma Van de Perre, era preciso acima de tudo preservar sua saúde mental, quanto ao que ocorria no interior de Ravensbrück para que as vítimas pudessem sobreviver. Selma tinha um forte desejo de se manter viva e se alimentava, por vezes, dá esperança, ao longo do tempo que passou no campo viu muitas mulheres perderem a esperança e ficarem deprimidas em meio aquela realidade cruel, ela considerava que perder a esperança era como desistir de sobreviver e geralmente as mulheres adoeciam seu emocional por essa razão.

Pequenos atos de solidariedade entre as vítimas costumavam ocorrer em Ravensbrück, Selma menciona que em uma ocasião recebeu de sua amiga Vally, uma prisioneira tcheca que trabalhava no escritório da Siemens juntamente com ela, um pedaço de pão com cebolas. Aquele gesto sutil de Vally, assim como de outras detentas, fazia a diferença no local em que estavam inseridas e ajudava a erguer o moral do campo. A manutenção de uma comunidade era crucial para a sobrevivência das vítimas, que enxergavam umas às outras como sua própria família.

No ano de 1945, próximo a libertação do campo, as condições em Ravensbrück se tornaram ainda mais deteriorantes, com o avançar do exército soviético pela Europa e a libertação de campos no oriente europeu, os nazistas fizeram o possível para transferir grande parte dos prisioneiros dos campos para a Alemanha, isso fez com que milhares de mulheres prisioneiras em Auschwitz fossem alocadas em Ravensbrück.

As execuções em seus últimos meses de funcionamento eram constantes, Selma descreve que as prisioneiras ouviam tiros frequentemente, em um dos subcampos de Ravensbrück, as mulheres eram levadas para uma trilha e assim executadas, as demais

morriam nos arredores do campo ou nas câmaras de gás, construída em Ravensbrück em 1945. Os alemães queriam esconder as provas de existência do campo e não deixar testemunhas dos horrores no campo, por essa razão, até os últimos dias de funcionamento prosseguiram assassinando as prisioneiras (Perre, 2022, p. 187).

O livro de memórias de Selma Van de Perre, se tratou essencialmente de uma autobiografia da autora. Buscando, dessa forma, retratar a trajetória contínua da vida de Selma, desde fases como a infância e a vida adulta. A jornada que Selma retrata no decorrer da obra coincide com as movimentações que iniciaram a ser realizadas na Holanda e também o crescimento do antissemitismo que resultou no aprisionamento de judeus. Selma tentou escapar de ser levada para um dos campos de concentração, estando fugida por longos períodos, por essa razão se envolveu no movimento de resistência holandês até ser detida e encarcerada no campo de concentração de Vught, em seguida transferida para Ravensbrück, o campo de concentração feminino.

Considerações finais

A influência das escritas autobiográficas femininas possibilitou compreender as experiências, outrora marginais, sobre as mulheres em diferentes aspectos. Fica exposto desse modo, que o gênero é compreendido como categoria relacional, semelhantemente levando em conta os aspectos de sua influência.

O conceito de gênero aqui exposto, foi determinante para compreender as especificidades do holocausto, apesar desse fato, tem sido ignorado nos estudos mais antigos sobre o tema, ganhando notoriedade apenas nas pesquisas recentes que relacionam gênero e holocausto. A autobiografia de Selma Van de Perre não realiza um debate acerca dos termos feministas e das questões de gênero, no entanto, é possível ler em sua narrativa como o gênero se constitui como relevante para compreender o caráter de suas vivências no campo.

Apesar das experiências prejudiciais das vítimas mulheres no cotidiano do campo de Ravensbrück, alguns aspectos positivos com relação ao gênero possibilitaram a socialização das vítimas e auxiliaram em sua sobrevivência. Conforme o relato de Selma Van de Perre evidencia, os pequenos atos de solidariedade eram cruciais para a sobrevivência das vítimas. As internas mulheres demonstram viver em comunidade e realizavam atos de resistência que visavam erguer o moral das prisioneiras do campo. Essas manifestações de cuidado entre as vítimas foram cruciais para manter o bem-estar emocional e criar uma rede de sociabilidade mútua.

As questões de gênero foram relevantes para a compreensão das experiências femininas em Ravensbrück, demonstrando como elas foram atingidas pelas condições do campo por simplesmente serem mulheres e como se reergueram por criarem laços afetivos com as demais vítimas. O gênero foi um fator significativo que influenciou a experiência das vítimas no interior do campo e as categorizou como únicas.

Por fim, o gênero literário da autobiografia se transmuta em uma das possibilidades de fontes históricas, a fim de realizar releituras do passado que não foram compreendidas por teóricos dos mais vastos campos. O caráter testemunhal das autobiografias legitima a experiência de vítimas, além de no caso de as autobiografias femininas dar voz e ênfase as mulheres que foram marginalizadas do discurso oficial.

Referências

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002

BOCK, Gisela. História, história das mulheres, história do gênero. *Penélope: Revista de História e Ciências Sociais*, n. 4, 1990, pp. 158-187.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78. Belo Horizonte: Chão da feira, 2018, p. 1-16.

BUTLER, Judith. Vida precária. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 1, pp. 13-33.

DERRIDA, Jacques. *Acts of literature*. New York/London: Routledge, 1992, p.211-252.
FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992. p. 129-160.

HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

HOROWITZ, Sara. R. Women in Holocaust Literature. In: *Women in the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 1998.

HYDER, Evelyn Ann. *Women in the Holocaust: The Memoirs of Ruth Kluger, Cordelia Edvardson, and Judith Magyar Isaacson*. VDM Verlag, 2009.

KAPLAN, C. Resisting autobiography: Out-law genres and transnational feminist subjects. In: *De/colonizing the subject: the politics of gender in women's autobiography*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. P. 115-138.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG,

2008.

OFER, D; WEITZMAN, L. J. *Women in the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 1998.

PERRE, Selma Van de. *Meu nome é Selma: A extraordinária biografia de uma combatente da resistência judaica holandesa e sobrevivente do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Editora Seoman, 2022.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RANDALL, Amy. E. *GENOCIDE AND GENDER IN THE TWENTIETH CENTURY:*

a comparative survey. 2. ed. Bloomsbury, 2021.

SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009.

STANTON, Domna C. “Autogynography: is the subject different?” In: WATSON, Julia & SMITH, Sidonie (eds). *Women, autobiography, theory: a reader*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998, p. 131-144.

Artigo recebido em 13/08/2024

Aprovado para publicação em 14/11/2024

Editor(a) responsável: Alicia Panicacci Figueiredo

¹A interferência dos papéis sociais de gênero do período antecedente a guerra, refletiu a experiência do holocausto para as vítimas, sejam homens ou mulheres. Tendo como partido a construção dos papéis de gênero para as mulheres, é possível delimitar que a categoria gênero contribuiu para tornar as condições penosas no interior do campo e oprimir as vítimas. No caso das mulheres judias, praticantes da religião, o fator gênero associado aos costumes religiosos criou um ambiente de agrura para essas mulheres, que viviam subjugadas à opressão por gênero e herança, étnica ou religiosa. (Hyder, 2009, p. 22).